



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
(EEBAS/UFPB)**

ISABELLE MARIA FIGUEIREDO SILVA

JOÃO PESSOA - PB
NOVEMBRO - 2021

ISABELLE MARIA FIGUEIREDO SILVA

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
(EEBAS/UFPB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luisa Nogueira de Amorim

JOÃO PESSOA - PB

NOVEMBRO - 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586l Silva, Isabelle Maria Figueiredo.

O lúdico na educação infantil: a experiência no
Programa Residência Pedagógica na Escola de Educação
Básica (EEBAS/UFPB) / Isabelle Maria Figueiredo Silva.
- João Pessoa, 2021.
48 f. : il.

Orientação: Ana Luisa Nogueira de Amorim.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Lúdico. 2. Educação infantil. 3. Desenvolvimento
infantil. 4. Programa Residência Pedagógica. I. Amorim,
Ana Luisa Nogueira de. II. Título.

UFPB/BS/CE

CDU 373.2(043.2)

ISABELLE MARIA FIGUEIREDO SILVA

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
(EEBAS/UFPB)**

APROVADO EM: 03 / 12 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Ana Luisa Nogueira de Amorim - UFPB
(Orientadora)

Profª Drª Nádia Jane de Sousa - UFPB
(Professora Examinadora)

Profª Ms. Cláudia Maria de Lima - UFPB
(Professora Examinadora)

JOÃO PESSOA - PB
NOVEMBRO - 2021

Aos meus pais, Eliezer Rocha e Rosa de Lourdes, por serem meu alicerce e me incentivarem a alcançar meus objetivos.

A minha avó, Maria de Lourdes, por me cuidar como sua filha com muito carinho, amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ter me dado forças quando eu pensei que não conseguiria alcançar meus objetivos. Ele me mostrou que escreve certo por linhas tortas, e que com fé e perseverança sou capaz de vencer minhas batalhas

Ao meu pai, Eliezer Rocha e Rosa de Lourdes, os amores da minha vida, que sempre se dedicaram para cuidar de mim, me incentivando a sempre dar o meu melhor em tudo o que eu faça. É graças a eles que eu cheguei até aqui.

A minha avó, Maria de Lourdes, minha segunda mãe, que sempre cuidou de mim com muito amor e carinho. Sou eternamente grata por me acolher como sua filha e por vibrar a cada conquista minha.

A minhas amigas e companheiras que a graduação me presenteou: Micaella Maria Nazário, Layane Costa, Talita Farias, Milca Regina, Dayse Priscila e Matrid Raianne. Com vocês tive apoio nos melhores e piores momentos, me fazendo enfrentar as dificuldades de forma mais leve e descontraída.

Ao meu amado companheiro, Rafael Nascimento, por ser meu maior apoiador e motivador em todos os momentos. Te agradeço pelo companheirismo, dedicação e incentivo para que eu alcance meus objetivos.

A minha orientadora, Ana Luisa Amorim, que com carinho e dedicação, contribuiu para que esse sonho se tornasse realidade. Agradeço imensamente pela paciência e compreensão.

"Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo."
(Paulo Freire)

RESUMO

Esse trabalho discute a temática do lúdico na educação infantil. Tem como objetivo geral compreender como as atividades lúdicas contribuem no processo de desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, a partir do contexto da Escola de Educação Básica (EEBAS/UFPB). A pesquisa apoia-se em um levantamento bibliográfico para aprofundamento dos estudos sobre a infância e a Educação Infantil, o lúdico na Educação Infantil e a prática pedagógica lúdica. Foi apresentado brevemente as concepções de infância, a histórica da Educação Infantil no Brasil, como também a importância do lúdico para a aprendizagem da criança. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, que utilizou os relatos da experiência vivida durante a participação no Programa Residência Pedagógica (2018-2019), na turma do infantil IV, na Escola de Educação Básica (EEBAS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I. As principais fontes teóricas utilizadas foram Freire (1983), Horn, Silva e Pothin (2007), Iza e Melo (2009), Kishimoto (2010), Andrade (2010), Sousa e Santos (2021) e Oliveira (2005), além de documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), a Constituição Federal de 1988. O estudo realizado concluiu que planejar e proporcionar vivências lúdicas com base nas interações e brincadeiras no âmbito da Educação Infantil contribui para o desenvolvimento das crianças, visto que torna o processo ensino-aprendizagem mais significativo, tomando como base as reações dos infantes. Também se verificou que o lúdico contribui para a criatividade, descoberta, autonomia e participação nas atividades.

Palavras-chave: Lúdico; Educação Infantil; Desenvolvimento infantil; Programa Residência Pedagógica.

ABSTRACT

This work discusses the theme of play in early childhood education. Its general objective is to understand how recreational activities contribute to the development process of children in Early Childhood Education, from the context of the Basic Education School (EEBAS/UFPB). The research is based on a bibliographical survey to deepen studies on childhood and Early Childhood Education, the playful in Kindergarten and the playful pedagogical practice. It was briefly presented the conceptions of childhood, the history of Early Childhood Education in Brazil, as well as the importance of play for children's learning. The research starts from a qualitative approach and is characterized as an exploratory and descriptive research, which used the reports of the experience lived during the participation in the Pedagogical Residency Program (2018-2019), in the infantile class IV, in the Basic Education School (EEBAS) from the Federal University of Paraíba (UFPB), Campus I. The main theoretical sources used were Freire (1983), Horn, Silva and Pothin (2007), Iza and Melo (2009), Kishimoto (2010), Andrade (2010), Sousa and Santos (2021) and Oliveira (2005), as well as documents such as the Common National Curriculum Base (BNCC), the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI), the National Curriculum Framework for Early Childhood Education (RCNEI), the Federal Constitution of 1988. The study concluded that planning and providing playful experiences based on interactions and games within the scope of Early Childhood Education contributes to the development of children, as it makes the teaching-learning process more This is significant, based on the infants' reactions. It was also found that playfulness contributes to creativity, discovery, autonomy and participation in activities.

Keywords: Playful; Child education; Child development; Pedagogical Residency Program.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO.....	13
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA E DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	13
2.2 O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	17
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	22
4 RELATOS E REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UFPB.....	25
4.1 RELATO 1: BRINCADEIRAS INFANTIS (CONTAÇÃO DE HISTÓRIA “O PIRATA PIRADO” E CAÇA AO TESOURO)	31
4.2 RELATO 2: VIVÊNCIA DAS EMOÇÕES (RODA DE CONVERSA E CAIXA DAS EMOÇÕES COM EMOJIS DE DIVERSAS EXPRESSÕES/SENTIMENTOS)	36
4.3 RELATO 3: LUGAR ONDE VIVO (HISTÓRIA “A PORTA DO SOL” E MONTAGEM DO CARTAZ COM PONTOS TURÍSTICO DE JOÃO PESSOA/PB)	39
4.4 RELATO 4: BICHO PREGUIÇA (OFICINA DE CONFECCÃO DO BICHO PREGUIÇA)	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6 REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A brincadeira faz parte da vida infantil e incluí-la no campo educacional é indispensável para o desenvolvimento das crianças enquanto indivíduos. O brincar é uma atividade enriquecedora na qual a imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças. Através da brincadeira, elas criam e recriam o universo ao seu redor, desse modo, o brincar é uma forma de linguagem que a criança utiliza para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo.

Estudar o lúdico como possibilidade enriquecedora para o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil se justifica pela necessidade de atividades lúdicas vinculadas a prática pedagógica na Educação Infantil como ferramenta que contribui para a aprendizagem dos infantes, pois é notória a sensação de prazer das crianças nesses tipos de vivências, que por sua vez, promove a interação da criança com o seu meio, criança/criança e criança/adulto. Assim, o brincar se constitui como um importante instrumento didático que facilita o desenvolvimento da sociabilidade, afetividade, interação, criatividade, e autonomia das crianças, contribuindo para a construção de seu conhecimento.

O desejo de estudar e aprofundar esse tema surgiu após vivências proporcionadas pelo componente Estágio Supervisionado II da Educação Infantil realizado em uma escola municipal localizada na cidade de Santa Rita, Paraíba, onde pude perceber que atividades lúdicas podem ser vistas como um desafio em que muitos/as professores/as ainda não utilizam essa prática como uma ferramenta que auxilia no processo de ensino-aprendizagem. Durante o estágio observei a dificuldade da docente da sala em desenvolver tais práticas como uma possibilidade facilitadora na aquisição da aprendizagem, que a todo momento parecia controlar/limitar os movimentos das crianças, havendo uma tendência em achar que durante o momento lúdico, a finalidade que era a aprendizagem iria dispersar-se no momento da brincadeira.

Outra experiência que vivenciei no curso de Pedagogia foi no Programa Residência Pedagógica (PRP) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual ingressei como bolsista no ano de 2018, programa esse que tem por objetivo o aperfeiçoamento da prática pedagógica dos/as licenciandos/as. Durante as vivências realizadas na Escola de Educação Básica (EEBAS), da Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), pude perceber um novo olhar sobre a educação infantil, sobre a criança e a sobre a postura do/a profissional que atua na área. Com isso, despertou-me o desejo de estudar e refletir acerca de como o lúdico proporciona uma aprendizagem mais estimulante, respeitando a fase do ser criança, e que por meio de tais momentos é possível que o/a professor/a realize com os infantes determinadas atividades e vivências que contribuam para um aprendizado mais significativo e prazeroso.

Entende-se que é por meio da brincadeira que a criança desvenda o mundo em que vive, e é estimulada no processo de construção do saber, por isso o papel do(a) professor(a) é importante para saber conciliar esses momentos de alegria e diversão como forma de contribuição para seu desenvolvimento e aprendizagem.

O/A profissional da Educação Infantil precisa proporcionar um ambiente que incentive e estimule os infantes, para assim, o aprendizado fluir de forma dinâmica e divertida. É através da brincadeira que os infantes expressam os seus sentimentos, aprendem que existem regras a serem respeitadas, se colocam no lugar do outro e expõem as relações do seu cotidiano. De acordo com Silva (2014), o lúdico está relacionado a jogos, brincadeiras, interesse, prazer, ajuda a desenvolver a criatividade, proporcionando bem-estar aos educandos; sendo uma tarefa docente utilizar a ludicidade como meio para desenvolver inúmeras capacidades nos estudantes para que o processo ensino-aprendizagem aconteça de forma espontânea e, principalmente, significativa.

É fundamental que a escola e o/a professor/a na Educação Infantil estejam conscientes de que uma criança é criança porque brinca, enxergando como um ser em processo de desenvolvimento, e que é preciso garantir um trabalho de qualidade e satisfatório voltado para tais atividades lúdicas.

Apesar do fundamental papel destas práticas pedagógicas que são uma ferramenta metodológica, o/a profissional dessa etapa da educação básica ainda sofre com a ideia de que é preciso manter as crianças quietas, ou seja, “controladas” para que tenham uma aprendizagem de fato. Iza e Melo (2009) reconhecem a existência dessas concepções enraizadas no trabalho dos(as) professores(as), que carecem de conhecimento acerca de como proporcionar vivências educativas utilizando o movimento. As autoras apontam que é muito presente esse pensamento de manter os infantes quietos, pois há um conceito de que a aprendizagem ocorre por meio do controle sobre as crianças. Tal prática limita a criança, fazendo com que

deixe de experimentar situações enriquecedoras por meio do brincar.

Situações como estas são frequentes na educação infantil, onde se associam que as atividades são bem-sucedidas quando as crianças estão quietas e caladas, sendo que o movimento e as interações são importantes para a criança e para sua aprendizagem.

Então, torna-se indispensável para o/a profissional da educação infantil, reconhecer a importância do brincar como direito fundamental da criança, não podendo estar dissociado da realidade e do cotidiano das salas de referência, uma vez que essa ferramenta vêm mostrando contribuições positivas em relação ao desenvolvimento do infante, pois com o brincar a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens (KISHIMOTO, 2010).

As principais fontes teóricas utilizadas foram Freire (1983), Hom, Silva e Pothin (2007), Iza e Melo (2009), Kishimoto (2010), Andrade (2010), Sousa e Santos (2021) e Oliveira (2005), além de documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), a Constituição Federal de 1988.

Para estudar a temática, defini como problema de pesquisa: Como a experiência no Programa Residência Pedagógica me permitiu compreender a importância das atividades lúdicas no processo de desenvolvimento das crianças na Educação Infantil?

A partir desse questionamento, defini como objetivo geral: Compreender como as atividades lúdicas contribuem no processo de desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, a partir do contexto da Escola de Educação Básica (EEBAS).

E como os objetivos específicos:

- Entender as concepções de crianças, infâncias e brincar no decorrer da história;
- Entender como a ludicidade auxilia no processo de desenvolvimento das crianças da Educação Infantil;
- Compreender a importância do brincar atrelada à prática pedagógica do professor da Educação Infantil, no contexto da EEBAS.

Com vistas a dar conta dos objetivos propostos, este trabalho foi estruturado da seguinte forma: este capítulo introdutório apresento as questões gerais do

trabalho. O segundo capítulo buscou apresentar brevemente as concepções de infância e a história da Educação Infantil no Brasil. O terceiro capítulo, apresentei a importância do lúdico para a aprendizagem da criança. No quarto capítulo traço o percurso metodológico mostrando o tipo de pesquisa, os sujeitos pesquisados e onde foi realizada a pesquisa. O quinto capítulo, relatei as vivências realizadas com a turma da educação infantil, analisando as ações das crianças durante as atividades de regência. Por fim, apresentei as considerações finais do trabalho.

2. A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO

Neste capítulo, será abordada a infância e como o ser criança tomou diferentes significados ao longo da história, para atualmente ser reconhecida como sujeito de direitos e que estes precisam ser preservados pelo Estado e pela família.

Também apresenta um breve histórico da Educação Infantil no Brasil, mostrando que as primeiras creches e casas de acolhimento possuíam caráter assistencialista e compensatório, usadas como “depósitos” de crianças para serem cuidadas, mas despreocupadas com a educação formal. Só a partir do século XX começou a ser pensada a Educação Infantil, conseqüentemente, começou a se pensar na criança como sujeito que têm direito a educação e também a cuidados básicos, mas não restringindo-se a ele.

2.1. UM BREVE HISTÓRICO DA INFÂNCIA E DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

A infância é uma fase na qual a criança aprende com seus familiares e com a sociedade, com essa relação ela vai construindo sua maneira de ser, de pensar e de agir. Há diversos tipos de infância e modos de ser criança, que varia de acordo com a cultura, classe social, espaço e tempo.

Em cada contexto e época, foi se criando concepções diferentes em relação à criança e o seu papel social, produzindo assim, diversas percepções sobre a infância. Na Antiguidade havia uma ausência do sentimento de infância, a criança não possuía singularidade e não se separava do mundo adulto, sendo vista como um adulto em miniatura (ANDRADE, 2010).

De acordo com Corazza (2002, p. 81, apud ANDRADE, 2010) a história da criança é representada por um silêncio histórico por causa da ausência de problematização a cerca deste assunto, pois não existia a figura social e cultural da infância.

Na Idade Média, a taxa de mortalidade infantil era alta, e a criança só tinha função social após começar a trabalhar (ANDRADE, 2010). As crianças mais pobres trabalhavam desde cedo, não havendo diferenciação entre adultos e crianças, já aquelas que eram da nobreza, tinham seus educadores que as preparavam para a vida adulta.

No século XVI, as crianças começam a ter mais atenção de seus familiares, eram uma fonte de distração ou relaxamento, chamado por Ariès (1986, p.159, apud ANDRADE, 2010, p. 49) de sentimento de “paparicação” pela infância. Até o século XVII, a vida em família era em público, tudo era em coletivo e a aquisição de conhecimentos e valores se dava por meio da criança no trabalho, em jogos e no cotidiano da vida com os adultos.

Mudanças no interior das famílias foram sendo percebidas a partir do século XVIII, onde vem à tona um “sentimento de família”, criando-se uma ideia de privacidade no meio familiar, deixando de serem públicas as suas relações. A criança assume um lugar central na família, passando a ser responsabilidade dos pais.

No Brasil, até o século XIX, a maior parte da população residia no meio rural, muitas crianças órfãs e abandonadas eram acolhidas pelas famílias de fazendeiros ou encaminhadas para instituições de caridade.

Com o avanço do capitalismo ao longo do século XIX e XX, houve uma necessidade para que as mulheres ingressem nas fábricas como mão de obra, fazendo as famílias se deslocarem para as cidades. Com esse êxodo rural ocasionou o aumento de conglomerados e mazelas sociais.

Nesse período a criança começa a ser objeto de investimento, sendo criadas creches, asilos e internatos, com o intuito de diminuir os altos índices de mortalidade infantil e garantir cuidados à criança pobre.

Essas instituições eram voltadas apenas para cuidados com o corpo, saúde e alimentação, as quais possuíam um modelo de educação compensatória e assistencialista.

De acordo com Mendes (2015):

É fato que o primeiro olhar estabelecido pela sociedade para as instituições de assistência à infância era carregado de preconceitos já que tais instituições eram apenas lugares de crianças pobres e carentes marcados pelo cuidado com o corpo, saúde e alimentação. (MENDES, 2015, p. 97)

Essa ajuda concedida às mulheres não era reconhecida como um dever social, mas como um favor a ser prestado, um ato de caridade. Esse modelo institucional se restringia às crianças empobrecidas como um meio de resgatá-las da marginalidade existente na época. Essa visão criou raízes que perdurou por muito tempo, que as

creches são lugares apenas de “depósito” das crianças, onde se dá ênfase maior aos cuidados com o corpo.

Em contrapartida dessa realidade, existia o modelo pedagógico educacional, que era voltado aos filhos de burgueses, com o enfoque no desenvolvimento infantil.

O movimento escolanovista (1932) trouxe um novo pensamento para a educação, porém as inovações eram designadas apenas para os jardins de infância, onde estudavam os filhos da elite brasileira.

As poucas creches que existiam na época e que foram criadas pelos donos das fábricas para assistir essas mulheres carentes que iam trabalhar e precisavam deixar as crianças em algum lugar, com o passar do tempo começaram a receber ajuda do governo para desenvolver seus trabalhos, como afirma Oliveira (2007):

[...] As creches eram planejadas como instituição de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com a higiene do ambiente físico. Por trás disso, buscava-se regular todos os atos da vida, particularmente dos membros das camadas populares. (OLIVEIRA, 2007, p. 100)

As creches também recebiam ajuda de famílias ricas, e era vista como um ato de caridade aos mais necessitados. Essa ajuda fazia com que se perdurasse o pensamento de que os mais pobres precisavam mesmo era de cuidados básicos, e não de um lugar que se preocupasse com a educação e o desenvolvimento deles, como era feito nos jardins de infância, destinado a filhos de família rica.

Já na metade do século XX, é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 4.024/61), que apresentou uma grande mudança para a educação infantil no âmbito nacional, na qual propôs a inclusão dos jardins de infância no sistema de ensino.

Na década de 1970 a educação havia passado por mudanças significativas em relação ao trabalho desenvolvido nas creches. O caráter compensatório adotava cuidados com o corpo e higiene, e também vinculava o baixo rendimento das crianças carentes à pobreza. Então assim, a educação infantil passou a ter uma perspectiva de compensação, preparando essas crianças “marginalizadas” para o ensino posterior (ensino fundamental).

Segundo Oliveira (2007):

Segundo essa perspectiva compensatória, o atendimento às crianças dessas camadas em instituições como creches, parques infantis e pré-escolas possibilitaria a superação das condições sociais a que estavam sujeitas, mesmo sem a alteração das estruturas sociais geradoras daqueles problemas. (OLIVEIRA, 2007, p. 109)

Essas propostas de educação constituíam-se na estimulação precoce no que diz respeito à alfabetização, tendo como princípio a educação tecnicista. Pouco se preocupava com a mudança real e significativa da criança, apenas com o intuito de suprir as suas necessidades orgânicas. Essa ideia se enraizou na sociedade, trazendo ainda hoje consigo concepções de cunho compensatório para a educação infantil.

Com o aumento da demanda das creches e das lutas reivindicando direitos da educação pré-escolar, foram surgindo cada vez mais discussões na área da educação e da psicologia acerca da importância da primeira etapa da educação básica para o desenvolvimento infantil. De acordo com Oliveira (2007, p. 111) a referida pressão da demanda por pré-escola e os polêmicos debates acerca de sua natureza – assistencial versus educativa –, dinamizaram as decisões na área.

É na década de 90 que a educação ganha mais força, contando com grandes marcos em relação a Leis e documentos, entre eles está a Constituição Federal (CF) de 1988, que determinou que a educação deixa de ser responsabilidade somente dos pais e passa a ser também dever do Estado.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Assim, podemos perceber que a educação passou a ser vista de forma diferente, bem como a criança, que foi reconhecida como sujeito de direitos, sendo assegurada de diversas formas, para além de suas necessidades orgânicas (corpo, alimentação e higiene), como confirma o Artigo 227 da Constituição Federal:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Após dois anos da promulgação da CF, foi criada para nortear os direitos das crianças o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996. O ECA, é um conjunto de normas que tem por objetivo cuidar/proteger as pessoas menores de 18 anos, já a LDBEN estabeleceu a educação infantil como a primeira etapa da educação básica.

2.2. O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é uma etapa recente historicamente em leis, porém há diversos documentos que auxiliam o/a professor/a na elaboração de um bom planejamento para ser desenvolvido nas salas de referência. Para isso acontecer, o/a educador/a tem de vincular suas práticas as características e necessidades específicas dessa fase.

Um documento importante para guiar o trabalho pedagógico foi o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI – 1998), visto que apresenta orientações para atividades educativas que devem ser atreladas aos cuidados e a educação.

O cuidar e o educar são a base para qualquer trabalho educativo a ser desenvolvido nas salas de referência, uma vez que é indissociável essas dimensões das ações do/a professor/a da educação infantil. A aprendizagem ocorre por meio das experiências, das interações e do cuidado que está relacionado ao educar.

Segundo o RCNEI (1998):

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (BRASIL, 1988, p. 23)

Com a brincadeira a criança aprende e explora o mundo ao seu redor, por isso é necessário planejar o trabalho pedagógico com base nessas ações que permite o desenvolvimento cognitivo, afetivo e corpóreo, bem como, a formação pessoal e social desses indivíduos.

Trabalhar através da brincadeira é dar sentido a infância e ao ser criança, dado que nessa faixa etária os indivíduos aprendem melhor nas vivências proporcionadas

pelo/a educador/a que respeite suas características específicas e nas suas vontades de explorar o mundo em que vivem através do real e do que é significativo para elas.

Assim como afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (Resolução CNE/CEB 5/2009):

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

O ser criança tomou significados diferentes ao longo da história até ser reconhecido como um ser de grande importância na sociedade, que merece ter seus direitos e valores preservados, visando o aperfeiçoamento e desenvolvimento de suas capacidades. Com o avanço das pesquisas realizadas na área foi possível romper com o modelo assistencialista e compensatório da educação infantil que limitava essa etapa, desconsiderando o sujeito e suas diferentes linguagens.

A forma que a criança aprende é objeto de estudo entre diferentes pesquisadores/as, que buscam estruturar o trabalho pedagógico com base nas interações e brincadeiras; são esses os dois eixos norteadores que segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as DCNEI devem estar presentes na proposta curricular da Educação Infantil. “A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças” (BNCC, 2018, p. 33).

A brincadeira se torna indispensável no processo de aprendizagem das crianças; por isso atividades lúdicas têm ganhado cada vez mais espaço no fazer docente. Os/as professores/as vêm interligando o lúdico ao desenvolvimento do infante de forma mais prazerosa e significativa.

O lúdico se caracteriza como atividades relativas a jogos, brincadeiras e atividades criativas. Essa ferramenta tem se mostrado eficaz no que diz respeito a aquisição de conhecimento, permitindo que a criança se expresse e interaja com o mundo ao seu redor. Cabe ao/a professor/a acompanhar e interpretar essas ações feitas por ela, para assim, auxiliá-la a desenvolver seus conhecimentos e habilidades.

De acordo com Chateau (1987, p.15 apud ALMEIDA, 2007, p.36-37):

O lúdico é uma necessidade, é intrínseco ao ser humano e é em suas manifestações pelas brincadeiras, pelos jogos e mesmo pelos brinquedos que se fomenta a inteligência e a capacidade de convivência, de abstração, de socialização e progresso na vida do homem, pois uma criança que não sabe brincar, será um adulto que não saberá pensar.

A ludicidade se caracteriza como uma atividade indissociável no processo de ensino e aprendizagem, pois nela ocorre naturalmente troca de saberes através de diversas linguagens, sejam elas: oral, corporal e gestual, que permitem a criança utilizar seu raciocínio, concentração e percepção diante das situações e desafios em que são colocadas.

Portanto, é errôneo restringir atividades lúdicas a meros passatempos ou atividades de recreação, uma vez que é na brincadeira que a criança aprende as regras e conceitos implícitos no mundo dos adultos, assimilando e recriando a realidade a sua volta.

O que condiz com o que afirma Dallabona e Mendes (2004, p. 3):

Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz-de-conta, são reelaboradas. Esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real, de acordo com suas afeições, necessidades, desejos e paixões. Estas ações são fundamentais para a atividade criadora do homem.

O brincar traz consigo situações que são ressignificadas e aprendidas pelas crianças. O papel do/a professor/a é fundamental para incentivar a criatividade e autonomia no cotidiano escolar, intervindo de modo a motivar e incentivar as crianças na busca pelo seu conhecimento.

O/a docente, portanto, têm que estar preparado/a para as situações inesperadas que podem ocorrer nessas vivências, visto que as atividades lúdicas não acontecem de forma mecânica e controladora, são fundamentadas em desafios e estímulos, que mediados pelo/a docente desempenha funções importantes para a construção do conhecimento.

O educador, de modo geral, já traz a resposta sem se lhe terem perguntado nada (...) O autoritarismo que corta as nossas experiências educativas inibe, quando não reprime, a capacidade de

perguntar. A natureza desafiadora da pergunta tende a ser considerada, na atmosfera autoritária, como provocação à autoridade. E, mesmo quando isso não ocorra explicitamente, a experiência termina por sugerir que perguntar nem sempre é cômodo. (FREIRE, 1985, p. 46)

Na educação infantil é normal o/a professor/a ter uma visão limitada acerca dos conhecimentos que a criança possui, pois se surpreende com algumas situações ou indagações que surgem durante as vivências educativas. O/a docente por sua vez, deve atuar de modo a instigar e problematizar esses conhecimentos advindos da criança, e não a inibir e controlar.

Trabalhar com o lúdico na educação infantil permite o/a educando/a dinamizar o aprendizado, fazendo que a criança interaja com interesse e prazer naquilo que está sendo proposto, assim, há um processo de troca de conhecimento riquíssima entre o/a docente e as crianças e com as crianças entre si.

De acordo Horn, Silva e Pothin (2007, p. 62),

Quando o brincar alcança um maior espaço nas atividades desenvolvidas em sala de aula ou as atividades apoiam-se no brincar livremente, torna-se pano de fundo da rotina escolar, o que é suficiente e satisfatório para o desenvolvimento de qualquer atividade e para uma aprendizagem significativa.

É inegável a relação necessária entre o aprender e o brincar atrelado às práticas pedagógicas do/a professor/a da educação infantil, uma vez que impulsiona o indivíduo a buscar novos conhecimentos, o provocando a agir de forma ativa, indagadora e reflexiva.

De acordo Marinho et al. (2007, p. 91), “a escola deve priorizar, em seu projeto político-pedagógico, o desenvolvimento de atividades que privilegiem o lúdico”. Com isso, corrobora para que as crianças tenham prazer em frequentar a instituição educativa para adquirir novos conhecimentos, uma vez que esta respeita seu direito de ser criança e não desassocia o brincar de sua prática educativa.

Escolas que não priorizam o lúdico tendem a ser enfadonhas, não atrativas e até desestimulantes para as crianças. Por isso, há necessidade de incorporar atividades lúdicas no processo educativo, pois facilita a aprendizagem do infante ajudando em seu desenvolvimento pessoal, social e cultural, vinculados a momentos agradáveis que incentivem a curiosidade, participação e a descoberta.

Cabe ao/a educador/a organizar melhor as suas práticas para que inclua no seu cotidiano vivências atreladas ao lúdico, possuindo uma intencionalidade pedagógica que favoreça a imersão da criança na atividade que está sendo proposta para que tenha experiências significativas e que contribuam para sua formação social e individual.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, que utilizou os relatos da experiência vivida durante a participação no Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com crianças do Infantil IV (com 4 e 5 anos de idade), matriculadas na Escola de Educação Básica (EEBAS/UFPB), no ano letivo de 2018 e 2019, período de vigência do projeto.

A pesquisa de cunho qualitativo, permitiu a exploração do tema, bem como, a descrição das atividades e, posteriormente, a análise e compreensão das contribuições do lúdico para as crianças da educação infantil da EEBAS, por meio das atividades proporcionadas no Programa.

Para Godoy (1995, p. 58) pesquisa qualitativa consiste em:

[...] questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Durante o período de realização do Programa Residência Pedagógica, utilizava o diário de campo como instrumento para registrar as experiências vivenciadas na instituição, como também foram produzidos fotos e vídeos para posteriormente, analisar os resultados.

O Programa Residência Pedagógica (Edital Capes nº 6/2018) é um projeto que tem o intuito contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente dos/as estudantes de cursos de licenciatura, neste caso, do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, por meio da imersão do/a residente no cotidiano escolar e da sala de aula, havendo uma constante reflexão entre a teoria e a prática. Como afirma o Edital CAPES Nº 06/2018:

2.1 O Programa de Residência Pedagógica visa:

I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;

- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores.
- IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O programa deu início no mês de agosto de 2018 e teve a duração de 18 (dezoito) meses. Nele eram vinculados/as 24 (vinte e quatro) bolsistas, além de 3 (três) preceptoras que acompanhavam os/as residentes nas atividades vivenciadas no âmbito da Escola de Educação Básica – EEBAS/UFPB. Eram duas preceptoras destinadas ao ensino fundamental anos iniciais e uma preceptora da educação infantil.

Por meio do Programa, foi possível vivenciar a rotina de uma instituição de ensino como um todo, percebendo as relações que compõem o ambiente escolar. O tempo de imersão no projeto, permitiu conhecer os desafios implícitos no fazer pedagógico diário, já que no Estágio Supervisionado não há uma constância de idas a escola, possuindo uma visão fragmentada da realidade do campo profissional e das práticas pedagógicas presentes em sala de aula. Conforme afirma Sousa e Santos (2021, p. 17):

A formação inicial ocupa lugar de destaque na apropriação e reflexão, não somente acerca dos saberes da docência, mas igualmente, sobre os princípios éticos, as maneiras de ser, de fazer e de pensar próprios da profissão.

Com a participação no Programa Residência Pedagógica, enfrentei meus medos de assumir uma turma, pois não tinha segurança em falar em público. Nessa experiência, juntamente com a preceptora (professora da sala do Infantil IV) fui quebrando barreiras e aprendendo a me envolver com toda a equipe e com as crianças com total responsabilidade e competência, como também, aprimorei meu fazer docente que é o prazer em desenvolver atividades lúdicas com e para as crianças.

Na fase inicial do Programa, acompanhei através da observação participante a sala de referência do Infantil IV da manhã e, posteriormente, me fixei na turma do

Infantil IV da tarde, na qual desenvolvi as minhas atividades de regência.

De acordo com Fernandes (2011, p. 264), a observação participante:

Trata-se de uma técnica de levantamento de informações que pressupõe convívio, compartilhamento de uma base comum de comunicação e intercâmbio de experiências com o(s) outro(s) primordialmente através dos sentidos humanos: olhar, falar, sentir, vivenciar... entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto dinâmico de relações no qual os sujeitos vivem e que é por todos construído e reconstruído a cada momento.

A observação participante foi fundamental para conhecer a rotina e os espaços da instituição, bem como, perceber as relações presentes na sala de referência; crianças e professora e das crianças entre si.

No próximo capítulo será apresentada a descrição das atividades realizadas no Programa Residência Pedagógica, que visou proporcionar aos residentes uma melhor imersão no cotidiano escolar, dando oportunidade de vivenciar por meio da observação e das atividades de regência a realidade de uma escola como um todo, como também melhorar o desempenho docente e o aprimoramento do trabalho pedagógico e a formação do/a pedagogo/a.

Com a descrição e análise das experiências realizadas durante a atuação no Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), espera-se que este trabalho possa trazer contribuições acerca das atividades lúdicas como uma ferramenta indispensável na aprendizagem de crianças da educação infantil, pois as mesmas adquirem e desenvolvem habilidades, como a colaboração, trabalho em grupo, o respeito, e de forma prazerosa, participativa e significativa.

4. RELATOS E REFLEXÕES A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS NA RESIDENCIA PEDAGÓGICA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UFPB

A Escola de Educação Básica (EEBAS), fica localizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no campus I em João Pessoa/PB. A instituição está vinculada ao Centro de Educação (CE), tendo como missão acolher atividades de ensino, estágio, pesquisa e extensão.

A escola atende as crianças na etapa da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, funcionando nos turnos matutino e vespertino. É um lugar amplo e bem organizado, que por sua vez, favorece a interação e a exploração dos diferentes espaços do ambiente escolar para promover/oportunizar momentos de aprendizado.

A escola dispõe de ambientes como o parquinho, pátio, canteiro com plantas e salas de aula com um número reduzido de alunos, favorecendo para um melhor desempenho do/a professor/a e do estudante em sala de aula, pois o/a docente não precisa se sobrecarregar tanto para acompanhar a todos. Os espaços físicos presentes na instituição se dividem da seguinte maneira:

Quadro 01 - Ambientes da escola

Ambiente	Quantidade
Salas de aulas	9 (Nove)
Almoxarifado	1 (Um)
Despensa	1 (Um)
Sala de depósito de nutrição	1 (Um)
Sala de puericultura	1 (Um)
Sala de artes	1 (Um)
Secretaria	1 (Um)
Sala dos professores	1 (Um)
Sala da coordenação	1 (Um)
Sala do serviço social	1 (Um)
Sala da coordenação pedagógica	1 (Um)
Cozinhas	2 (Dois)
Sala de reunião	1 (Um)

Pátios	2 (Dois)
Banheiros	9 (Nove)
Espaço lúdico	1 (um)
Brinquedoteca	1 (um)

Fonte: coletada pela autora, 2019.

A instituição dispõe de diferentes espaços, que são bastante utilizados para a realização de atividades e vivências significativas para as crianças. Durante todo percurso pelo Programa Residência Pedagógica, utilizei desses espaços para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos infantes, não me restringindo apenas a sala de referência.

A sala que acompanhei a rotina, para posteriormente realizar as atividades de regência foi a do Infantil IV, com crianças de 4 a 5 anos de idade. De início, por meio da observação participante foi possível conhecer a turma, como eram as relações das crianças entre si e com a professora (preceptora), bem como, o dia a dia das crianças e suas interações com o espaço escolar como um todo.

Esse processo de observação foi de extrema importância, pois me mostrou os caminhos que eu deveria traçar para ter êxito na elaboração e planejamento das atividades, e conseqüentemente, na aplicação das regências.

Diante disso, percebi que as crianças daquele local possuíam uma realidade diferente de outras instituições que acompanhei anteriormente, pois a escola e os/as professores/as estavam comprometidos/as com o processo de construção de conhecimento das crianças, utilizando de diversas possibilidades que contribuem com o desenvolvimento integral desses indivíduos, influenciando diretamente na dinâmica das aulas/vivências.

Na turma da educação infantil pude perceber que a criança é reconhecida como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, que por meio das interações e brincadeiras, são desafiadas e provocadas a construir significados sobre si, o outro e o meio social e cultural (BNCC, 2018).

As práticas pedagógicas ali desenvolvidas são voltadas para os eixos estruturantes, que são as interações e brincadeiras, apontadas pelas DCNEI (2009) em seu Artigo 9º. Durante a observação da rotina escolar, percebi que as crianças gostavam bastante de atividades lúdicas, como brincadeiras, jogos e momentos em que ocorriam interações entre elas e com a instituição em geral. As mesmas

gostavam de explorar as inúmeras possibilidades a que eram expostas, bem como demonstravam maior satisfação e motivação em atividades mais dinâmicas e interativas.

Com isso, elaborei minha proposta pedagógica envolvendo o lúdico e suas possibilidades enriquecedoras para o processo de ensino-aprendizagem, respeitando o ser criança e suas totalidades. E, também, compreendendo que para se obter vivências que contribuam para a formação integral desse indivíduo, o ensino deve ser indissociável do lúdico.

No período de regência foi realizada uma série de vivências na sala de referência do Infantil IV, que me permitiu ter a convicção da extrema importância de cada vez mais o/a professor/a se apropriar da ludicidade para uma abordagem metodológica desafiadora, estimulando a criatividade, a participação e a descoberta.

Quadro 2 – Atividades lúdicas desenvolvidas na EEBAS

Descrição da atividade	Período da realização da atividade	Temáticas trabalhadas	Estratégias utilizadas
Leitura lúdica do livro “O Pirata Pirado”, seguido de um caça ao tesouro, com o intuito de promover a imaginação, interação e socialização do grupo através da brincadeira.	18/10/2018	Brincadeiras infantis	Contação de história e caça ao tesouro.
Propor uma brincadeira, que consiste em trazer uma caixa contendo “emojis” que expressam diversas emoções e sentimentos, com isso, dialogar com as crianças sobre suas emoções, o que elas sentem em diversas situações, o que as deixam felizes ou tristes.	08/04/2019	Emoções	Roda de conversa, dinâmica das emoções e atividade de registro.

Posteriormente será realizada uma atividade de pintura, onde as crianças irão registrar em forma de desenho a emoção/sentimento que a define.			
Identificar as partes principais do corpo humano, fazendo a representação do próprio corpo com massinha de modelar.	15/04/2019	Corpo humano	Representação do corpo humano.
Propor uma dinâmica para reconhecerem e identificarem os diferentes sons, a fim de aguçar os sentidos e expressões.	25/04/2019	Os cinco sentidos (Audição)	Dinâmica de identificação dos sons.
Realização do teatrinho de palitoches da história “Os três porquinhos”; roda de conversa; recontação da história pelas crianças no teatrinho; atividade de registro de como reconhecem suas moradias.	13/05/2019	Lugar onde vivo	Contação de história e atividade lúdica.
Contação de história “A Porta do Sol”; roda de conversa; colagem coletiva; conversa sobre os pontos turísticos de João Pessoa – PB e registro em desenho de qual local mais gostaram de visitar na cidade.	14/05/2019	Lugar onde vivo	Contação de história, colagem coletiva e conversa sobre os pontos turísticos de João Pessoa-PB.
Contação de história “O bairro do Marcelo”; dinâmica “monte seu bairro” para reconhecerem e identificarem	16/05/2019	Lugar onde vivo	Contação de história e dinâmica “monte seu bairro”.

elementos que compõem um bairro.			
Interpretação da dança “meu mamulengo”; roda de conversa sobre as roupas e danças do São João; recorte e montagem do boneco de São João.	04/06/2019	São João	Interpretação da dança “meu mamulengo”, roda de conversa e montagem do boneco de São João.
Oficina de pintura de rosto: Proporcionar que a criança assuma papéis de maneira lúdica e criativa	19/06/2019	São João	Pintura de rosto.
Leitura da história “O macaco e a boneca de piche”; recontagem da história pelas crianças; confecção do boneco de piche com material reciclável.	23/07/2019	Brinquedos e brincadeiras	Contação de história e confecção de brinquedo.
Apresentação da Arte Naif; apresentação de imagens de obras da Arte Naif; pintura coletiva de como entenderam a Arte Naif nesse primeiro contato.	19/08/2019	Arte Naif	Apresentação da Arte Naif, levantamento de hipóteses e pintura coletiva.
Teatro de sombras de uma história criada pelas residentes abordando a Arte Naif; pintura coletiva de um quadro da Arte Naif nos muros da escola.	23/08/2019	Arte Naif	Teatro de sombras e pintura coletiva de um quadro da Arte Naif.
Vídeo sobre personagens do folclore brasileiro; roda de conversa; brincadeiras do folclore brasileiro.	26/08/2019	Folclore	Vídeo sobre personagens do folclore brasileiro e brincadeiras do folclore.
Relembrar as histórias do folclore	27/08/2019	Folclore	Oficina de dobradura.

abordadas anteriormente; oficina de dobradura do Saci e da Cuca.			
Propor brincadeiras para promover a socialização e interação do grupo (corrida de balão, dança das cadeiras, passa limão e caça ao tesouro).	09/10/2019	Gincana	Confecção de materiais para brincadeiras.
Oficina de confecção do bicho-preguiça com pratos descartáveis.	25/10/2019	Bicho-preguiça	Oficina de confecção do bicho preguiça.
Teatrinho do bicho-preguiça; recontagem da história pelas crianças e atividade de registro.	29/10/2019	Bicho-preguiça	Teatrinho do bicho preguiça e atividade de registro.
Roda de conversa sobre como nascem o bicho-preguiça e dança em pares da música do bicho preguiça.	31/10/2019	Bicho-preguiça	Roda de conversa e dança em pares da música do bicho preguiça.
Contação de história “Piter: A caminho do espaço”; confecção de um telescópio com material reutilizável (rolo de papel higiênico).	28/11/2019	Histórias infantis	Contação de história e confecção de um telescópio com material reutilizável.
Fábula “O sapo e o boi”; recontagem da história pelas crianças; confecção de um brinquedo (sapo).	04/12/2019	Fábulas	Fábula “O sapo e o boi”, recontagem da história pelas crianças e confecção de um brinquedo (sapo).
Fábula “A cigarra e a formiga”; roda de conversa; recontagem da fábula; atividade de registro.	05/12/2019	Fábulas	Fábula “A cigarra e a formiga” e atividade de registro.
Fábula “O leão e o	10/12/2019	Fábulas	Fábula “O leão e o

rato”; roda de conversa; recontagem da fábula; atividade de registro.			rato” e atividade de registro.
Confecção do globo de neve.	12/12/2019	Natal	Roda de conversa e confecção do globo de neve utilizando copo descartável.
Diálogo sobre o Natal; montagem coletiva da árvore de Natal com CD.	16/12/2019	Natal	Roda de conversa e montagem da árvore de Natal utilizando CD's.
História do Boneco de Neve; confecção individual do Boneco de Neve.	17/12/2019	Natal	História do boneco de neve e confecção do boneco de neve com bolas de isopor.

Fonte: relatório do Programa Residência Pedagógica, 2019.

Dentre as atividades realizadas, foram escolhidas quatro vivências executadas na turma do Infantil IV da Escola de Educação Básica (EEBAS/UFPB). Foi feito o relato de como a atividade foi realizada com as crianças, mostrando suas ações e resposta acerca do que estava sendo vivenciado de maneira lúdica, bem como, a análise das interações que surgiram durante a realização das vivências.

4.1 RELATO 1: BRINCADEIRAS INFANTIS (CONTAÇÃO DE HISTÓRIA “O PIRATA PIRADO” E CAÇAAO TESOURO)

A atividade foi realizada no primeiro horário, antes do intervalo, e foi feita em conjunto com outra residente. Na atividade ela focava a sua regência no momento da contação, e a minha voltava-se para o momento lúdico após a história.

Colocamos as crianças sentadas no chão no cantinho da leitura já existente na sala e dissemos que iríamos contar uma história bem divertida para elas, uma história de pirata. Todas gritaram com empolgação, menos uma criança: “Eu não gosto de pirata! Eles são maus!”, disse ele. Acabei convencendo-o a escutar a história, pois esse pirata não era mau, ele era divertido e valeria a pena escutar. Foi quando o garoto concordou e prestou atenção.

No desenvolver da história, as crianças teriam que seguir instruções que eram dadas pelos personagens para ajudar o pirata a achar o tesouro. Conforme o esperado, as crianças se levantaram e começaram a fazer a dancinha que pedimos: “Se você é um pirata bata palma, se você é um pirata bata o pé”. Todas interagiram naquele momento batendo palma e batendo o pé. As crianças gostaram tanto que repetimos a parte da dança e elas fizeram novamente com mais empolgação.

Durante a história, fazíamos perguntas como, se eles se identificavam com tal situação, se gostavam disso e daquilo ou se conheciam os animais que iam aparecendo no decorrer da narrativa. Na história aparecia uma capivara, por achar que as crianças não sabiam que animal era aquele, nós perguntamos se elas conheciam e mostramos a foto da capivara que estava presente no livro, foi quando elas se levantaram e chegaram mais perto para ver a capivara que nunca haviam visto antes. Situação que condiz com o que afirma Kishimoto (2010, p. 7):

As crianças gostam de ouvir histórias e também de fazer comentários. Não gostam de ficar apenas ouvindo, caladas. Querem participar da história. Vão se tornando leitoras, ouvindo, vendo, falando, gesticulando, lendo, desenhando sua história, construindo novas histórias.

No desenrolar-se da história as crianças faziam seus comentários, falavam com o colega e até conosco, residentes, sobre situações que haviam ocorrido com eles, fazendo relações com o que estavam ouvindo na narrativa.

Enquanto uma residente contava a história caracterizada de pirata, eu a auxiliava nesse momento fazendo várias expressões e mostrando as crianças alguns objetos que estavam presentes no texto para atraí-las, como é possível verificar na foto a seguir:

Foto 01 – Contação de história



Foto: Arquivo do Programa Residência Pedagógica, 2018.

Na foto acima, eu estou contando a parte da história que o pirata encontra boiando no rio uma garrafa com uma mensagem dentro. É quando nós mostramos a garrafa que havíamos trazido: “Olhem só, é a garrafa que o pirata pirado encontrou no rio! O que será que tem dentro?”, perguntamos a elas.

Havia momentos que as crianças pareciam estar encantadas e interessadas para saber o que realmente aconteceria na história, pois quando fazíamos perguntas e dramatizávamos a narrativa, elas arregalavam os olhos mostrando estarem atraídas pelo que estava sendo contado e mostrado.

Ao final da história, fizemos perguntas acerca do que foi lido, se lembravam quais bichos apareceram na história, com o quê o pirata navegava e o que o pirata gostava de comer: “Mingau!”, todas responderam. Através dessas perguntas elas também falavam de si próprios. Sobre o mingau, houve crianças que disseram que tomavam mingau ainda, assim como outras que diziam com todo orgulho: “Eu não tomo mais mingau, tia.”

Após resgatarmos o que havia sido lido, falei as crianças que o pirata Pirado precisava de ajuda para conseguir achar seu tesouro: “Vocês podem ajudar o pirata Pirado achar o tesouro?”. Então, as direcionei para a área externa e expliquei que para achar o tesouro que estava escondido pela escola, precisavam seguir as pistas. As pistas foram feitas para ajudarem as crianças a acharem os tesouros com mais

facilidade, visto que o espaço da instituição é bastante amplo. Havia sido escondido uma mamadeira, um pássaro e um barco, todos em locais diferentes, porém quando íamos ler a pista para as crianças acharem a mamadeira, vimos que outras crianças de outra turma tinham achado o objeto e estavam brincando, ao ver aquela situação pulamos para a pista de outro objeto.

Assim que iam encontrando os objetos escondidos, elas vinham correndo até nós para mostrar o que haviam conseguido, então nós perguntávamos a elas se reconheciam aquele objeto presente na história, elas respondiam e até corrigiam o colega.

Quando acharam todos os objetos, foram distribuídos máscaras, chapéus e tapa-olhos para as crianças, para então ficarem livres para brincarem no parquinho, como mostra a imagem abaixo:

Foto 02 – Crianças brincando na área externa



Foto: Arquivo da residente, 2018.

Todas se caracterizaram de pirata, menos uma criança que se sentia incomodado com a máscara no rosto, por isso não colocou, mas pediu que eu guardasse na bolsa dele.

Os pequenos ficaram até a hora do lanche, aproximadamente nove horas da manhã, brincando na área externa e a todo momento faziam referência à história lida. Elas subiam no trenzinho que se encontra no parque da escola, fingindo que era o navio deles e que dariam carona para mim e para as outras colegas residentes.

Foto 03 – Crianças brincando na área externa



Foto: Arquivo da residente, 2018.

Em determinado momento uma das crianças desceu do trenzinho e disse: “Acabou a gasolina! Espera aí, tia, que eu vou colocar mais”. Eu, que estava em cima do “navio” do pirata observei como ele iria fazer para colocar gasolina em seu “navio”. Foi quando a criança fez com a mão a representação da mangueira que se coloca a gasolina em automóveis nos postos de gasolina, para assim, fazer o seu “navio” andar novamente. Segundo Iza e Melo (2009, p. 288):

A criança representa, em suas brincadeiras, as vivências e interações com os adultos por meio de gestos e posturas em uma situação imaginária, por exemplo: ao imitar o adulto fazendo bolo, substitui o bolo “verdadeiro” por algum outro objeto, faz o gesto de abrir o forno, colocar o bolo e fechar a tampa, gesticula, abrindo novamente o forno para retirá-lo, espera que esfrie, assoprando para comê-lo. Há todo um ritual de movimentos, gestos, posturas, condutas, palavras que simbolizam essa situação. Essa gama de movimentos experimentados por intermédio da brincadeira contribui para o desenvolvimento da criança.

Por meio de experiências vividas anteriormente pelas crianças, elas representam situações fazendo a articulação da linguagem e movimento, com isso elas atribuem significados diferentes aos objetos ou contexto para simbolizar suas ideias na brincadeira.

4.2 RELATO 2: VIVÊNCIA DAS EMOÇÕES (RODA DE CONVERSA E CAIXA DAS EMOÇÕES COM EMOJIS DE DIVERSAS EXPRESSÕES/SENTIMENTOS)

A atividade também foi realizada no primeiro horário, a professora esperou o máximo de crianças chegar para dar início a atividade. Feito isso, a professora me perguntou se eu queria realizar a vivência na sala de referência ou na brinquedoteca, então escolhi a brinquedoteca, pois era um local diferente e que elas amavam, assim, se sentiriam mais à vontade para falar de seus sentimentos e expressarem o que sentem.

Então, dei início ao primeiro momento da vivência, mostrei uma caixa confeccionada por mim mesma, intitulada “A caixa das emoções” e expliquei que nela continha várias carinhas (Emojis) com diferentes expressões, sendo elas: alegria, tristeza, surpresa, sono, assustado, raiva e medo. Cada criança deveria pegar uma carinha por vez, dizendo qual era a emoção sorteada e imitar, bem como, contar qual situação a deixava daquela forma. Por seguinte, mostra a foto das crianças imitando a expressão surpresa:

Foto 04 – Crianças representando a expressão surpresa



Fonte: Arquivo da residente, 2019.

Dando início a vivência, coloquei as crianças sentadas no chão e fui passando a caixa um por vez; eles se demonstram empolgados e interagiram

bastante na brincadeira. De acordo com que iam pegando eu pedia para mostrarem para a turma a expressão sorteada e eles identificavam de imediato.

As expressões que identifiquei mais participação foi a alegria, a tristeza, medo e a raiva, pois as crianças demonstraram imediatamente nas suas falas quais situações do cotidiano que as deixava assim.

Uma das crianças pegou a expressão alegre, depois de imitá-la, questionei o que o deixava alegre e ele respondeu “Ganhar brinquedos!”. Depois perguntei para os demais o que os deixavam felizes, as respostas foram diversas “Brincar com meu amigo, Leo!”, “Brincar no parquinho!”, “Tomar banho na piscina da minha vó”.

Ao pegar a expressão triste, também perguntei o que as deixavam assim, uma criança respondeu rapidamente “Não ganhar brinquedos!”, a turma gargalhou na hora. Outras respostas foram “Quando meu amigo não vem para a escola!”, “Porque as vezes não brincam comigo, tia!”.

Foto 04 – Criança representando o sentimento da tristeza



Fonte: Arquivo da residente, 2019.

Na expressão medo teve crianças que diziam ter medo do escuro ou de bichos como aranhas e cobras. E já na raiva, uma das crianças aproveitou o momento para expressar o descontentamento do seu amigo preferir brincar com outra criança e que não emprestar o brinquedo para ele.

Diante disso, a professora da turma explicou que nem sempre o colega quer brincar ou emprestar o brinquedo, mas que não precisava chorar e ficar com raiva se isso ocorresse. Completei a fala da docente explicando que há outras crianças e outros brinquedos que ele poderia brincar, e que também poderia brincar sozinho. Depois a docente perguntou para o colega, a quem a criança se referiu anteriormente, se poderia brincar com ele na hora do intervalo, o garoto disse que sim. A criança então, demonstrou ficar muito feliz, comemorando a resposta positiva do colega. De acordo com o documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” (2006, p. 25):

- Nossos meninos e meninas têm direito a expressar tristeza e frustração;
- Procuramos ensinar meninos e meninas como expressar e lidar com seus sentimentos e impulsos;
- Procuramos sempre enfrentar as reações emocionais das crianças com carinho e compreensão;
- Procuramos sempre entender as reações das crianças e buscar orientação para enfrentar situações de conflito;
- O bem-estar físico e psicológico das crianças é um de nossos objetivos principais;
- Nossas crianças expressam seus sentimentos através de brincadeiras, desenhos e dramatizações.

Esse momento de acolhimento foi de fundamental importância, uma vez que reprimir esses sentimentos frustra e aborrece a criança. Por isso, é fundamental que a/o docente procure mediar da melhor forma esses conflitos, colaborando para boas relações entre elas, fazendo-as compreender que o diálogo é o mais adequado para expressar suas emoções. E também ensiná-las a lidar com a resposta negativa de outras crianças, pois nem sempre irá ser correspondida.

Terminado esse momento, levei as crianças para a sala de referência explicando que dariam continuidade a segunda etapa da atividade, que consistia em desenhar e colorir em uma folha com um rosto pré-moldado a emoção que mais condizia com elas mesmas. Todas as crianças representaram a si próprias com expressões alegres e traços bem coloridos. Conforme Kishimoto (2010, p. 5):

Não se pode pensar que a criança utiliza apenas a linguagem verbal para se comunicar. A criança tem “cem linguagens”: o gesto, a palavra, o desenho, a pintura, as construções tridimensionais, a imitação e a música, todas são linguagens, que oferecem oportunidades para expressão lúdica.

Na brincadeira, percebi que foi possível trabalhar as emoções das crianças de forma espontânea e divertida, fazendo com que ficassem à vontade para se expressar utilizando de diversas linguagens, como: a oral, a gestual, o desenho e pintura. O momento lúdico foi de extrema importância para que se criasse um ambiente agradável e confiável para demonstrarem e conversarem sobre seus sentimentos, fato que é abordado pelo documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” citado acima, onde fala-se do direito das crianças a expressarem suas emoções através de momentos de brincadeiras como este.

Foto 05 – Crianças desenhando



Fonte: Arquivo da residente, 2019.

4.3 RELATO 3: LUGAR ONDE VIVO (HISTÓRIA “A PORTA DO SOL” E MONTAGEM DO CARTAZ COM PONTOS TURÍSTICO DE JOÃO PESSOA/PB)

O tema da semana a ser trabalhado foi “O lugar onde vivo”, para essa atividade foi elaborado uma breve história nomeada “A porta do sol” contendo os pontos turísticos de João Pessoa/Paraíba, lugar onde residem as crianças. Nesse momento, com o apoio de outra residente apresentamos os principais locais da cidade, nomeando cada um e perguntando para as crianças se conheciam ou se já

havam frequentado. Em cada ponto turístico apresentado os infantes interagiam, contando com entusiasmo como foi o passeio.

Após a apresentação da história, foi realizada uma brincadeira que consistia em montar um cartaz com gravuras dos principais pontos turísticos da cidade. O cartaz e as gravuras foram deixados no chão e as crianças foram convidadas a fazer uma roda para realizar a colagem.

Foto 06 – Crianças montando o cartaz



Fonte: Arquivo da residente, 2019.

As fotos dos pontos turísticos foram mostradas um por um, como o pôr do sol em Jacaré, o Parque Arruda Câmara (Bica), a Estação Ciência, as praias de João Pessoa, o Farol do Cabo Branco, o Parque Solon de Lucena (Lagoa) e o Mercado de Artesanato de Tambaú.

A maioria desses locais as crianças conheciam, pois contavam história das suas idas a esses lugares. Na medida que conversávamos sobre as figuras dos locais apresentados, cada criança colava a imagem no cartaz, participando e ajudando um ao outro a identificar o local. De acordo com Barbosa (2009, p. 64)

É particularmente relevante que a educação infantil considere, ao se assumir como espaço no qual as crianças constroem seus pertencimentos, o movimento de aproximação com as manifestações culturais e com os grupos sociais e culturais da região a qual pertencem. A interlocução com a comunidade, o compartilhamento de bens culturais e a valorização de conquistas alcançadas fazem parte da dinâmica escolar cotidiana.

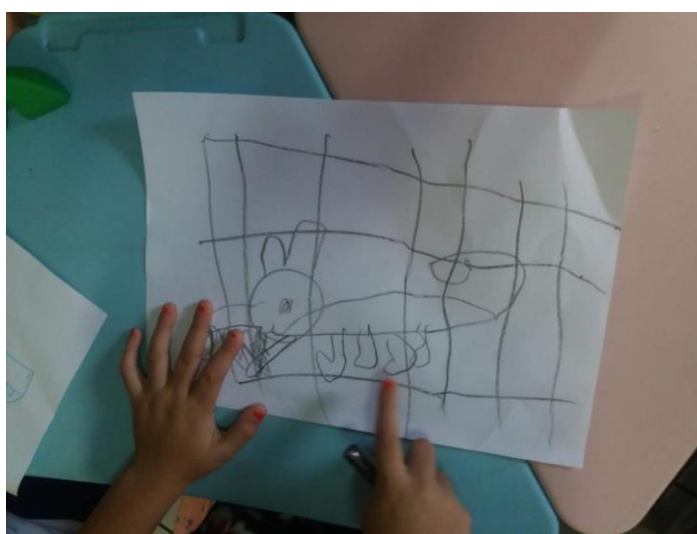
A brincadeira dinamiza o aprendizado, fazendo com que as crianças conheçam um pouco mais sobre a cidade onde residem, interagindo e trocando informações; percebendo que existem pontos turísticos, e esses estão ligados à cultura da nossa região; fazendo-as sentirem pertencentes e a valorizarem o local onde vivem.

Quando mostrada foto da Estação Ciência, uma criança disse: “Foi muito legal, tia! Eu fui com meu pai e minha mãe, é bem grande lá!”. Já outra criança revelou que não conhecia, porém já tinha ido na Bica e que amou ver os animais lá: “O animal que mais gostei foi o Leão, ele é muito grande!”. Perguntei aos demais qual animal eles mais gostaram de ver na Bica, a resposta foi a das mais variadas: o leão, a cobra, a tartaruga e o elefante.

Uma das respostas que mais me chamou atenção foi a de uma criança que comentou ter gostado de ver o leão, mas não gostou ver ele dentro de uma jaula, preso em um local pequeno.

Para finalizar a atividade, foi entregue uma folha em branco para as crianças registrarem em desenho qual ponto turístico de João Pessoa elas mais gostaram de conhecer. Ao terminarem, pedi para que elas mostrassem o que haviam desenhado para a turma.

Foto 07 – Criança desenhando o leão na Bica



Fonte: Arquivo da residente, 2019.

4.4 RELATO 4: BICHO PREGUIÇA (OFICINA DE CONFECÇÃO DO BICHO PREGUIÇA)

O interesse por esse tema surgiu na própria escola pelas crianças, por ser um lugar onde contém mata pelos arredores, é comum se ver o bicho-preguiça pendurado nas árvores do local andando lentamente.

Quando a professora da turma e preceptora percebeu o interesse das crianças, resolveu explorar as possibilidades de realização de uma proposta educativa baseada no conhecimento acerca desse animal, que vez ou outra é visto perto da instituição.

Tendo em vista a curiosidade e o entusiasmo das crianças, resolvi realizar uma Oficina para a confecção do bicho-preguiça usando material reutilizável (pratos de papelão), para assim, as crianças se familiarizarem com o animal; desenhando o seu rosto, pintando, montando as partes do seu corpo e colando no final.

Para realizar essa vivência, pedi a permissão da professora da sala de referência para levar as crianças para a sala de Artes, onde ficariam à vontade para utilizar dos materiais lá disponíveis, como também saírem um pouco de sua sala original, utilizando de outros espaços que possuem na escola deles.

No primeiro momento, coloquei à disposição as partes do corpo do bicho-preguiça para cada criança identificar e em seguida, pintar e montar seu próprio animal. Algumas perguntaram onde colariam as pernas ou a cabeça, mas não respondi exatamente em que local deveriam fazer, pois evitei influenciá-las a fazer uma atividade padronizada. Meu intuito era proporcionar uma vivência voltada para o próprio fazer infantil, de como eles viam, imaginavam e representariam o bicho-preguiça, uma vez que, elas já tinham uma ideia de como era o animal.

Foto 08 – Crianças colorindo o bicho preguiça



Fonte: Arquivo da residente, 2019.

Durante a confecção do brinquedo as crianças brincavam de imitar o animal, reproduzindo a sua lentidão e calma. Com o animal já confeccionado, elas interagiam entre si, conversando uma com as outras com o brinquedo na mão, fazendo de conta que eram o bicho-preguiça, falando devagar e pausadamente.

De acordo com o RCNEI: (vol.1, p. 27):

[...] para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.

As crianças por meio do brincar, criam e recriam a realidade a sua volta de forma mais divertida e prazerosa, aprendendo e absorvendo as vivências proporcionadas a elas de um modo único e genuíno. O papel do/a professor/a como mediador/a é importante para intervir em momentos que são necessários, mas também é na observação que o/a docente toma conhecimento das capacidades sociais e individuais do infante, assim como da linguagem oral e gestual que utilizam durante a brincadeira. Mais tarde, o brinquedo produzido pelas crianças foi colocado em exposição em um mural em forma de árvore em frente a sala de referência.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) as diversas experiências vivenciadas permitem as crianças a se expressarem através de múltiplas linguagens, como a das artes visuais, contemplada nessa atividade.

Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BRASIL, 2018, p. 37)

. Era nítida a empolgação das crianças ao verem seu trabalho exposto perto de sua sala, algumas até pediram para levar para casa o que tinham feito. Elas interagiam entre si, apontando e mostrando para os colegas qual brinquedo tinha sido produzido por elas. Pude perceber que essa apreciação do próprio trabalho, traz confiança à criança em continuar produzindo e se expressando cada vez mais em sua forma única, por meio das atividades que elaboram.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, abordei a importância do lúdico para o desenvolvimento das crianças da educação infantil, compreendendo que por meio do brincar o indivíduo aprende de forma mais prazerosa e significativa. A partir de vivências lúdicas, é possível instigar as crianças a aprenderem a partir das experiências, das interações e brincadeiras, que as permitem se expressar na sua forma única; interagindo com o mundo que a cerca.

Por isso, a ludicidade é inerente à educação, pois nela ocorre de forma dinâmica trocas de saberes através das diversas linguagens, como a: oral, corporal e gestual, fazendo com que a criança utilize seu raciocínio, concentração e percepção diante dos desafios que são propostos pelo/a professor/a.

A criança da educação infantil precisa ser colocada no centro do planejamento pedagógico, para que possa ser impulsionada a buscar novos conhecimentos. Essa busca se dá por meio de práticas educativas que respeitem o ser criança como indivíduo que precisa de um ambiente que lhe impulse a agir ativamente no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, através de vivências lúdicas.

No decorrer do trabalho, vimos que é equivocado o/a docente restringir as atividades lúdicas a passatempos e como meio de manter as crianças entretidas, uma vez que é por meio das brincadeiras que a criança cria e recria o mundo a sua volta, se colocando como sujeito que nas suas constantes interações, mediadas pelo/a professor/a, desenvolve habilidades, sua imaginação, criatividade e autonomia.

Com a pesquisa realizada a partir da análise dos relatos da regência na turma do Infantil IV da Escola de Educação Básica (EEBAS/UFPB), pude perceber que o objetivo traçado que buscou compreender como as atividades lúdicas contribuem no processo de desenvolvimento das crianças da educação infantil foi alcançado. As análises e reflexões permitiram o entendimento que as atividades lúdicas são indissociáveis no processo educativo, fazendo com que a criança participe e vivencie o que está sendo proposto de forma ativa.

Durante as atividades, busquei mediar da melhor forma as vivências com as crianças, e observei que houve uma troca muito rica de conhecimentos advindos das brincadeiras e interações.

Nas vivências lúdicas foi possível perceber que a brincadeira é de fato um recurso metodológico que traz contribuições significativas para a aprendizagem, pois as crianças demonstraram através de suas ações e reações o interesse em participar, interagir e se expressar, seja comigo, com a professora, com seus pares.

Portanto, a brincadeira é a melhor forma para a criança aprender sobre si e sobre o outro, utilizando das diversas linguagens, sejam elas: oral, corporal e gestual, que permitem a criança utilizar seu raciocínio, concentração e percepção diante das situações e desafios em que são colocadas. Desta forma, as questões de pesquisa foram sendo construídas e respondidas na medida que as vivências aconteciam.

Com base nisso, através desse estudo foi possível compreender que o lúdico é um importante aliado para o desenvolvimento da criança e que os/as professores/as precisam incluir tais práticas no cotidiano da educação, visto que torna o aprendizado mais rico e significativo. Os infantes sentem prazer em desenvolver atividades desse tipo, onde são desafiados a explorar e questionar, propiciando novas descobertas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Língua portuguesa e ludicidade: ensinar brincando não é brincadeira**. 2007. p. 1-126. Tese (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2007.

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Tecendo os fios da infância**. Editora UNESP; São Paulo: 2010.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm >acesso em: 09 nov. 2021.

BRASIL. **Edital CAPES nº 06/2018**. Programa de Residência Pedagógica, 2018. Disponível em: https://portal.uneb.br/prograd/wp-content/uploads/sites/63/2018/03/retificacao_de_edital_residencia.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; volumes 1, 2 e 3. Brasília: MEC\ SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília; MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB Nº 5/2009**. Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação Infantil. Brasília; MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2018, p. 35-53.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schimitt. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar**, 2004. Disponível em: <<https://conteudopedagogico.files.wordpress.com/2011/02/o-lidico-na-educacao-infantil.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2021

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa. Considerações metodológicas sobre a técnica da observação participante. In MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. **Caminhos para análise das políticas de saúde**, 2011. p. 262-274. Online: disponível em www.ims.uerj.br/ccaps.

FREIRE, Paulo; FAUNDES, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr.1995.

HORN, Cláudia Inês, SILVA, Jacqueline Silva da; POTHIN, Juliana. **Brincar e jogar: atividades com materiais de baixo custo**. Porto Alegre: Mediação, 2007. 72p.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; MELLO, Maria Aparecida. Quietas e caladas: as atividades de movimento com as crianças na Educação Infantil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 25, p.283-302, ago. 2009.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste. et al. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade**. 2. ed. Curitiba: Ed. IBPEX, 2007.

MENDES, Sarah de Lima. **Tecendo a história das instituições do Brasil infantil**. SABERES, Natal – RN, v. 1, n. 11, fev. 2015, 94-100.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Natália Zanatta da. **A importância do lúdico na Educação Infantil**. 2014. 33 fls. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

SOUSA, Nádia Jane de; SANTOS, Elzanir dos. **Aproximações à docência no Programa Residência Pedagógica: percursos e processos**. João Pessoa-PB: Editora UFPB, 2021.